

A IMPLICAÇÃO DA ORDEM MORAL SUBJETIVA NA EDIFICAÇÃO DA CIVITAS – UMA ANÁLISE A PARTIR DA OBRA “A CIDADE DE DEUS” DE SANTO AGOSTINHO

AUTOR: MATHEUS JESKE VAHL

ORIENTADOR: SÉRGIO RICARDO STREFLING

Universidade Federal de Pelotas – matheusjeskevahl@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – srstrefling@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, desenvolvida junto ao curso de mestrado em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas, na área de Filosofia Moral e Política, tem como tema central – a implicação da ordem moral subjetiva na edificação da ordem social da *civitas*, segundo o pensamento do filósofo patrístico Santo Agostinho, na obra “*A Cidade de Deus*”.

Apesar de a pesquisa nos remeter a um pensamento que figura no século V de nossa era, o tema da responsabilidade moral dos sujeitos individuais, frente à esfera pública, é de grande relevância e pertinência ao contexto atual. A filosofia de Agostinho traz significativas contribuições a este debate, na medida em que trata de temáticas consideradas “universais” ao pensamento humano. Nesse sentido, nossos objetivos fundamentais são os seguintes: 1) Analisar como se dá a implicação social das dimensões morais subjetivas na visão que Agostinho apresenta de *civitas*; 2) Explicar a diferença entre amor *cupiditas* e amor *caritas* na realização social do sujeito, segundo o que o autor apresenta em “*A Cidade de Deus*”, buscando chegar ao seguinte entendimento: de que na medida em que os homens só realizam plenamente

sua condição humana vivendo em “comunidade” (sociedade), todo ato moral subjetivo implica em uma responsabilidade social do sujeito.

Para tanto, tomamos como referencial teórico principal a própria obra de Agostinho – “*A Cidade de Deus*”, o pensamento que o autor brasileiro Marcos Costa desenvolve sobre a filosofia moral e política de Agostinho, a visão ético-antropológica da obra apresentada pelo também brasileiro, Luis Evandro Hinrichsen e a perspectiva de uma leitura histórica de “*A Cidade de Deus*”, apresentada pelo alemão Christoph Horn, bem como, outras bibliografias consagradas sobre o pensamento agostiniano como Etiènne Gilson.

A pesquisa se organiza em três eixos fundamentais. Primeiramente uma apresentação histórica da obra, onde situamos a mesma em torno das discussões sobre a queda do Império Romano. Em um segundo momento, analisamos como em “*A Cidade de Deus*”, o autor “passa a teleologia ética da teoria do desejo para o fenômeno da história” (HORN, 2008, p. 227), compreendendo esta desde a responsabilidade moral que os cidadãos possuem frente à realidade social. No terceiro momento, a pesquisa concentra-se na análise dos conceitos de amor *cupiditas* e amor *caritas*, buscando compreender como Agostinho os entende enquanto possibilidades de decisão e ação do sujeito frente à história.

2. METODOLOGIA

Para a presente pesquisa nos utilizamos do método analítico de abordagem dos textos principais, e em um segundo momento, de uma abordagem exegético-hermenêutica das obras, sobretudo dos textos clássicos, para em seguida desenvolvermos o trabalho escrito.

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

Primeiramente o trabalho concentrou-se em uma análise da obra central da pesquisa “*A Cidade de Deus*” de Santo Agostinho. Em um segundo momento, buscamos comentadores reconhecidos para o aprofundamento do tema escolhido, como Christoph Horn e Marcos Costa, para a partir desta leitura buscarmos uma “atualização” do pensamento de Agostinho, bem como, a problematização das discussões em torno da responsabilidade social dos atos morais subjetivos, onde defendemos que o posicionamento moral dos sujeitos não pode reduzir-se à vontades subjetivas, devendo levar em conta sua implicação na construção da sociedade, embora isto não signifique que as concepções pessoais devam ser rejeitadas ou abstraídas, ao contrário, precisam orientar-se pela perspectiva de edificação de uma sociedade justa.

4. CONCLUSÕES

O pensamento de Santo Agostinho se encontra situado historicamente a muitos séculos de nossa era, contudo, trata de temas absolutamente pertinentes às discussões políticas e morais das sociedades contemporâneas. De modo especial ressaltamos o modo como ele concebe o que hoje denominamos como “responsabilidade social”. Embora não utilize estes termos, o autor entende que toda ação moral humana possui uma implicação na edificação da sociedade, mais ainda – que a sociedade nada mais é do que o resultado dos posicionamentos tomados pelos cidadãos que a compõe – este é o ponto decisivo e original que esta pesquisa quer ressaltar. Agostinho não concentra a reflexão de seu pensamento na estrutura geral da *civitas*, mas na vida moral do cidadão que a compõe. Entretanto, vale ressaltar que, mesmo com o acento forte de sua reflexão sobre o “sujeito”, o pensador norte africano jamais deixa de conceber que o cidadão só realiza sua “humanidade” na vida social e nas relações que através dela ele estabelece, respectivamente consigo mesmo, com os outros e com Deus.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. Trad. Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes, 2012, v.1 e v.2.

BOHENER, P. e GILSON, E. **História da Filosofia Cristã**. Petrópolis: Vozes, 2012.

COSTA, M. R. N. **Introdução ao pensamento ético-político de Santo Agostinho**. São Paulo: Loyola, 2009.

DODARO, R. **Justicia**. In: Dicionario de San Agustín: San Agustín a traves del tiempo. Alan Fitzgerad (org.). Burgos: Monte Castelo, 2001.

DOUGERTHY, J. **Caida de Roma**. In: Dicionario de San Agustín: San Agustín a traves del tiempo. Alan Fitzgerad (org.). Burgos: Monte Castelo, 2001.

FORTIN, E. **De Civitate Dei**. In: Dicionario de San Agustín: San Agustín a traves del tiempo. Alan Fitzgerad (org.). Burgos: Monte Castelo, 2001.

GILSON, E. **Introdução ao pensamento de Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2007.

HINRICHSEN, L. E. Agostinho e a Cidade: de Deus ou dos homens? Sobre a inquieta dinâmica da paz. In: **Revista Civitas Agostiniana**. Porto, v.1, nº1, p. 34-58, 2012.

HORN, C. **Agostinho: conhecimento, linguagem e ética**. Trad. Roberto Hofmeister Pich. Porto Alegre: EDIPUC, 2008.

MORESCHINI, C. **História da Filosofia Patrística**. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2008.